

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1351 - 04/07/2016 a 10/07/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MILHO

O GRÃO QUE FAZ A ECONOMIA GIRAR

Exportações

Futuro incerto na União Europeia

Programa ABC

Baixo carbono, alto impacto

www.sistemafaep.org.br

Juntos trabalhamos melhor. Esta é uma lição que podemos tirar da reportagem de capa desta edição, que traça um retrato da produção de milho no Paraná e surge de um recorte da ampla pesquisa “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvida por técnicos da FAEP/SENAR-PR. Pelo levantamento, percebe-se o quanto o milho é fundamental para as cadeias produtivas do Estado. Sem o cereal, o Paraná não seria a potência que é na produção de aves e suínos.

Sim, juntos trabalhamos melhor. E o Sistema FAEP/SENAR-PR vem se esforçando para tornar isso realidade nas mais diversas áreas. Por isso damos tanta importância ao trabalho com parcerias, seja com os governos, seja com a iniciativa privada. Ao longo dos últimos anos, a instituição tem dado contribuições decisivas para tirar do papel diversos projetos relevantes para o produtor paranaense. Da mesma forma, vem advogando que a administração pública e as empresas privadas unam esforços para vencer os desafios que se impõem ao nosso país. O tema da logística é um exemplo: sem investimento privado, o governo nunca conseguirá acabar com os gargalos que tanto prejudicam nossas exportações.

Mais do que nunca, o Brasil precisa que cada um dê o seu melhor, trabalhando junto e multiplicando resultados. O produtor rural, como sempre, está fazendo sua parte.

Boa leitura!

Artigo - Ágide Meneguette	03
Panorama Agropecuário - Milho	04
Feijão	07
Comércio Exterior	08
Sindicato de Pato Branco	10
Sindicato de Ivaiporã	11
Bem-estar - Alzheimer	12
Seminário de Grãos	14
Programa ABC	16
SENAR-PR - CTA de Assis	18
Memória - Wilson Baggio	20
Minor crops	22
USDA	24
Notas	25
Trator Solidário	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1351: Fernando Santos, Betto Rossati, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

A agricultura vence a crise

Por *Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR*



Os brasileiros são acostumados a lidar com crises. Há algumas décadas, a gente vem emendando uma com outra, com breves períodos de tranquilidade. São crises políticas que provocam crises econômicas, que geram novas crises políticas, e assim por diante.

Estamos em plena crise, de novo. E os números revelados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em junho, resumem o problema: de janeiro a março deste ano, o Produto Interno Bruto (PIB), que equivale à soma de todas as riquezas criadas no Brasil, encolheu 0,3%. O valor até parece pequeno, mas o PIB não é um número que possa encolher: para que o país continue funcionando, gerando empregos e alimentando nossa população, o certo é que ele cresça sempre. Mas não é o que vem ocorrendo: é o quinto trimestre seguido de encolhimento, uma situação tão ruim que não acontecia desde a década de 1930.

Em um mundo tão conectado como o de hoje, há crises que são resultado de problemas internacionais. Foi assim quando os bancos americanos quebraram, em 2008/09, ou na terrível crise do petróleo dos anos 70 e 80 do século passado. A crise de agora não é dessas. É resultado de uma sequência de erros do governo – um governo que foi encerrado prematuramente, por causa da sua própria incompetência em administrar as contas públicas, usando de artifícios que o Senado deve confirmar ile-

gais e afundando a nação em desemprego e desesperança.

Durante anos o governo federal estimulou o endividamento das famílias, mediante a redução de impostos em determinados segmentos do consumo (como automóveis e eletrodomésticos, entre outros) e a concessão de estímulos para que os bancos concedessem empréstimos. Hoje, o brasileiro está endividado e as empresas não investem. Apenas o governo é que gasta mais do que tem, e por isso temos uma previsão de déficit de R\$ 170 bilhões.

Por causa dessas barbearagens, até o setor agropecuário encolheu nas contas do PIB. Acumula agora uma queda de 1% no acumulado dos últimos quatro trimestres. É importante, aqui, destacar que o Paraná é exceção nesse cenário: aqui, o PIB agropecuário cresceu 1,3% no mesmo período.

Como já disse, os brasileiros são acostumados a lidar com crises. Deixaremos essa para trás, como já fizemos antes. E vamos construir um Brasil melhor, mais produtivo e capacitado para vencer as crises futuras. No campo, essa transformação vem ocorrendo nos últimos 20 anos, com a adoção de mais tecnologia, com o surgimento de uma geração atenta no que há de melhor em termos de ciência e de técnicas de administração. A agricultura do futuro já está presente no Brasil, e está ajudando a nos tirar de mais essa crise.

Alimento para a economia

Lavouras paranaenses de milho sustentam a avicultura. Sem elas, o Estado dificilmente seria o maior produtor de frangos do país

Por Carlos Guimarães Filho



Num primeiro momento, numa análise superficial, a produção de milho pode ganhar traços de coadjuvante, ofuscada pelos grãos dourados da soja, principal cultura do país e do Paraná. O preço atrativo da oleaginosa no momento do plantio no verão, comparado à cotação do cereal, fez a área de milho diminuir 21,8% no Estado na última temporada. A produção estimada do cereal na safra 2015/16 é de 16,20 milhões de toneladas, podendo ser revisada, para baixo, em função de problemas climáticos na safra de inverno.

Porém, bastam as cadeias de produção de carnes entrarem em cena para o milho ocupar o papel de protagonista, pois o grão é a base para a ração animal. Essa é uma das conclusões do trabalho “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos da FAEP.

O documento ressalta a importância do cereal, na forma de ração, para alimentar aves de corte, produção de suínos, matrizes e confinamento pecuário, tanto no âmbito nacional como estadual. Mesmo com o crescimento nas exportações de milho nos últimos quinze anos, a maior parte produzida no Brasil, cerca de 70%, fica

por aqui, para alimentar frangos, suínos e bois, proteínas que posteriormente estão na mesa do consumidor.

“O milho é vital [para a avicultura]. Arrisco dizer que se o Paraná não fosse um grande produtor do grão, talvez não fosse um grande produtor de frango. Uma coisa está atrelada a outra e cresceram juntas”, ressalta Domingos Martins, presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindivipar). “O que fizemos foi, simplesmente, aproveitar o potencial da agricultura do Paraná”, complementa.

Nos últimos anos, a demanda por milho tem sido crescente, acompanhando o crescimento da produção animal no país e no Estado. O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango, sendo o Paraná o maior produtor nacional da proteína. No acumulado dos cinco primeiros meses deste ano, o Estado abateu 737,35 milhões de cabeças de frango, 11,8% de aumento em relação ao mesmo período do ano passado. As exportações atingiram 658,46 mil toneladas, crescimento de 18,8% em comparação as 554,06 mil entre janeiro e maio de 2015.

Para o executivo do Sindiavipar, o constante crescimento da demanda animal por milho, acompanhando o aumento no número de abates, não preocupa em relação ao futuro. Martins garante que os agricultores estão preparados para atender a necessidade, principalmente depois da melhora no preço do produto.

“O milho tem evoluído na produção, desde as questões envolvendo genética, uso do solo e tecnologias e técnicas de plantio. A cultura e a avicultura estão de mãos dadas e vão continuar caminhando juntas”, ressalta.

Inversão de cenários

Nas últimas duas temporadas, como a produção mundial ultrapassou o consumo mundial e os estoques finais cresceram, os preços médios em dólares em 2015 do milho atingiram os menores patamares dos últimos cinco anos. Inicialmente, a safra 2015/16 também tinha previsão para superar o consumo mundial acrescentando mais toneladas aos estoques globais.

Porém, uma série de fatores inverteu o cenário. A redução na oferta nacional de milho, baixando das 84,6 milhões de toneladas para 76,2 milhões de toneladas em função de redução na área de plantio da safra de verão e dos problemas climáticos na safra de inverno, elevou a cotação do produto. De acordo com o levantamento da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab), o preço médio recebido pelo produtor no mercado interno

passou de R\$ 20,89 por saca de 60 quilos no momento do plantio de verão para R\$ 39,98 por saca em maio. Outro fator que levou a essa alta foi o aumento das exportações na temporada 2014/15, fazendo com que o cereal tivesse boa colocação no mercado externo com a desvalorização da moeda nacional.

Com a retomada da cotação, o milho voltou a atrair os produtores. Muitos optaram pelo cereal no inverno para fugir do trigo e, conseqüentemente, dos fatores que implicam sobre a cultura como risco de geadas, falta de políticas públicas e inexistência de seguro rural.

Esse novo momento do cereal inspira produtores como Olga Maria Agulhon, que está na cultura desde o final de década de 1970, quando a fazenda, na época comandada pelo pai, migrou do café e algodão para os grãos. “Quando fizemos o plantio do milho safrinha, o valor estava razoável. A melhor cotação ocorreu depois. Como o milho é uma fonte importante para o equilíbrio da renda e das contas das propriedades, estamos satisfeitos”, ressalta.

Olga administra três fazendas na região Norte do Estado. Em Ivatuba, os 202 hectares estão cobertos com milho safrinha, enquanto em Terra Boa, metade dos 160 hectares também recebeu a cultura. Na propriedade recém-adquirida em Araruna, apenas 17 hectares dos 108 foram utilizados para o milho. “Sou neta e filha de agricultor. Desde cedo comecei a ajudar e sei da importância do milho para a região”, diz.

Apesar de Maringá e outros municípios nos arredores contarem com grandes indústrias, a agricultura continua sendo a base econômica. Ou seja, o milho movimenta o comércio e o setor de



serviços da região, gerando empregos e renda. “O cereal é fundamental por aqui, tanto para revendas, cooperativas, engenheiros-agrônomo, empresas de transportes e outros setores”, diz Olga, lembrando que Terra Boa e Araruna contam com diversos barracões de confinamento de frango. “Movimenta uma cadeia imensa.”

Nos próximos meses, de acordo com o trabalho do Sistema FAEP/SENAR-PR, o preço do milho sofrerá influência de fatores como o efeito das geadas no cultivo do milho safrinha, o andamento da safra de milho nos Estados Unidos, a expectativa de formação do fenômeno La Niña e a tendência do dólar sob a condução de recuperação da economia americana, bem como sob os recentes riscos ao crescimento econômico mundial.

“Existe um quadro de restrição do atendimento da demanda, diante de fatores que diminuem a oferta no mercado consumidor. Diante deste ponto de estrangulamento, o preço deve continuar elevado”, destaca Tânia Moreira, economista da FAEP.

Movido a milho

Conforme o trabalho “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, a cultura, somando as safras de verão e inverno, teve participação de 7% no Valor Bruto de Produção (VBP) do Estado em 2014, como terceiro produto mais importante para o VBP estadual, atrás da soja e do frango de corte.

O município de Assis Chateaubriand aparece na segunda posição no ranking estadual do VBP do milho, com R\$ 118,3 milhões. “É a cultura principal da região”, garante o secretário municipal de agricultura, Juan Carlos Alves. “Historicamente, depois do fim do ciclo da hortelã há 30 anos, o milho é fundamental para atividade econômica e diversificação dentro das pequenas propriedades”, completa.

O cereal se mostra ainda mais importante pelo viés da produção de proteína. Atividades como avicultura, suinocultura e piscicultura são fortes em Assis Chateaubriand. E, num futuro próximo, a partir de novos investimentos que estão sendo realizados

nestas áreas, a demanda irá aumentar significativamente.

O principal é a construção do maior frigorífico para abate e processamento de suínos do país, pela Frimesa, cooperativa com sede em Medianeira. O investimento é de R\$ 800 milhões, divididos em duas etapas -- R\$ 450 milhões na primeira e R\$ 350 milhões na segunda etapa. Para abastecer o frigorífico, novas Unidades Produtora de Leitões (UPL) e uma fábrica de rações também serão construídas.

“Vamos precisar cada vez mais de milho. Tanto que já existe uma política pública municipal de incentivo”, diz Alves. “Claro, tudo dentro das normas do Código Florestal. Como não tem muito mais área para as lavouras crescerem, o investimento está sendo realizado em tecnologia para elevar os índices de produtividade.”

A inauguração do frigorífico está prevista para dezembro de 2018.

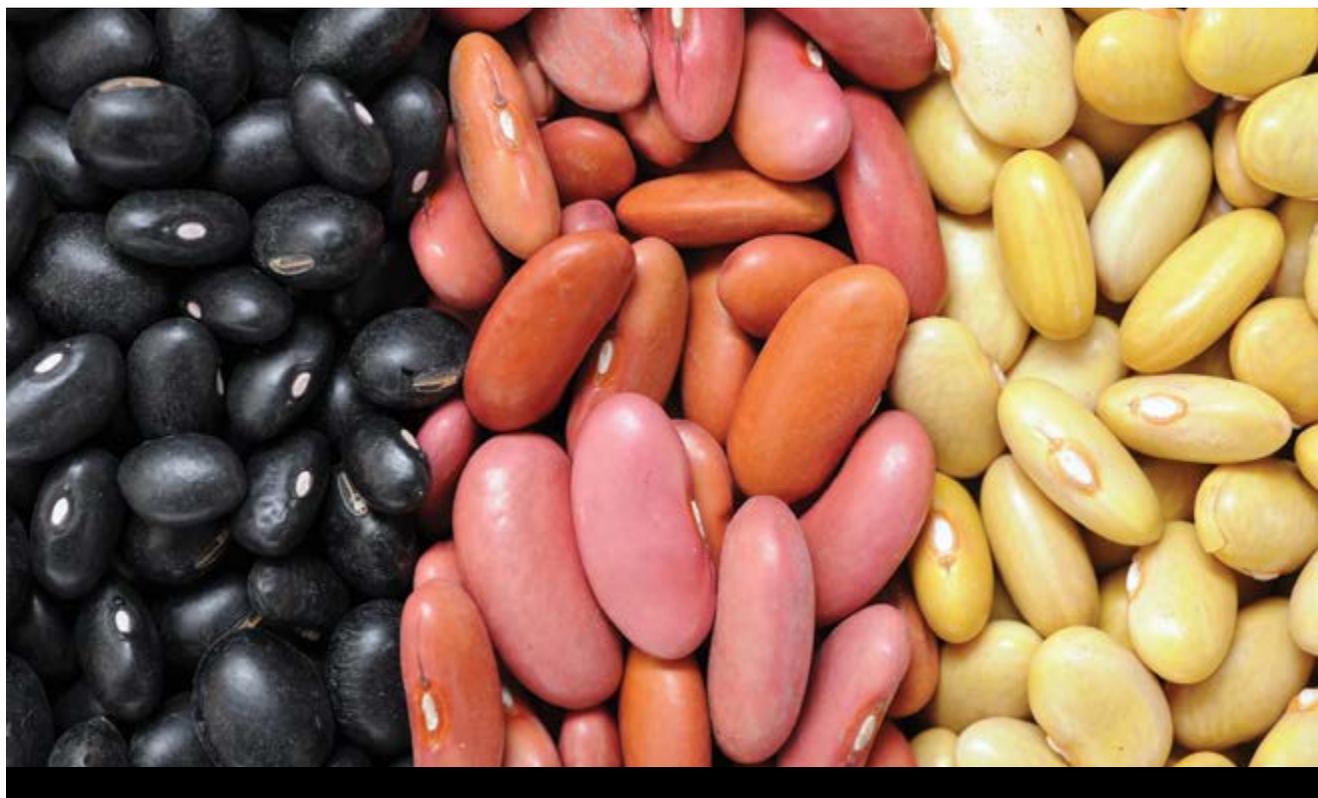
Exportação

Apesar da maior parte da produção nacional de milho ficar por aqui, o Brasil tem elevado suas exportações do cereal. Há 15 anos, os embarques não chegavam a 10 milhões de toneladas. Hoje, as 22,5 milhões de toneladas exportadas colocam o país como terceiro maior exportador, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).



Novidades no feijão

Embrapa lança novos cultivares em fórum que acontece em Foz do Iguaçu, em julho



No período de 13 a 15 de julho, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) promove, em Foz do Iguaçu, o Fórum Brasileiro do Feijão. Durante o evento serão apresentadas dois novos cultivares da leguminosa tanto para o mercado interno quanto para o internacional.

O primeiro é o BRS Imponente, um cultivar de feijão-caupi (*Vigna unguiculata*), desenvolvido pela Embrapa Meio-Norte (Teresina, PI) e lançado recentemente no Congresso Nacional de Feijão-Caupi, em Sorriso (MT), no mês de junho desse ano. Esse cultivar apresenta como características a alta produtividade, em torno de 2.181 kg por hectare, teores destacados de ferro e zinco e cozimento rápido.

A outra variedade é a BRS Ártico, um cultivar de feijão-comum (*Phaseolus vulgaris*) com grãos tipo branco de tamanho extragrande. Esse produto possui como destaque o tamanho dos grãos, 62g para cada 100 sementes ou 160 grãos para cada 100g, o que o classifica com alto potencial para atender os mercados internacionais e concorrer diretamente com os produtos atualmente comercializados. O BRS Ártico tem alto potencial produtivo, 2.677 kg por hectare, e ciclo semiprecoce (75 a 84 dias). Segundo a Embrapa, o seu lançamento está previsto para dia 14 de julho.

No Fórum, os produtores também poderão conferir outras variedades de feijão já lançadas pela entidade, como o Sugar Bean, Dark Red Kidney e Rajados. Esses tipos de leguminosas têm como principais características alta estabilidade de preços e boas perspectivas de retorno econômico.

O Fórum Brasileiro do Feijão é um evento sob coordenação do Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (Ibrafe) e tem como objetivo buscar oportunidades diante dos desafios da cadeia produtiva. O encontro reúne profissionais ligados à produção, indústria, comércio e pesquisa do feijão no Brasil.

Contexto

O Fórum ocorre em um momento em que o feijão está no centro das atenções, por causa do aumento nos preços ao consumidor registrado nas últimas semanas. O governo federal anunciou uma suspensão temporária das tarifas de importação da mercadoria, medida que deve ter pouco resultado prático, já que o produto importado só chegaria ao país na época da colheita da terceira safra brasileira.

Futuro incerto

Saída do Reino Unido da União Europeia cria expectativas para o setor de agronegócio, mas especialistas ainda têm muitas dúvidas sobre como os mercados vão se comportar



Francisco Turra, presidente da ABPA, destaca a importância do Reino Unido como importador de alimentos

A saída do Reino Unido do bloco da União Europeia (UE), após referendo realizado no dia 24 de junho, foi uma das notícias mais comentadas em todo o mundo nos últimos dias. “Não esperávamos um resultado favorável à saída do Reino Unido da UE, apesar das indicações das pesquisas de opinião”, admite Alinne Oliveira, superintendente de Relações Internacionais da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA). Para ela, “é um momento delicado no qual ainda não está muito claro quando, como e a que custo esta saída se dará”.

Uma das principais dúvidas está relacionada ao futuro político do bloco. “Há tendências nacionalistas e separatistas em vários outros países membros da UE, que receberam uma injeção de entusiasmo após o resultado do referendo britânico. Estes grupos são, essencialmente, contrários ao projeto político da União Europeia”, ressalta Alinne.

Na opinião dela, fora a instabilidade das bolsas internacionais, impactos práticos devem demorar a ser sentidos no Brasil,

já que a saída não será imediata. “A relação bilateral entre Brasil e Reino Unido é positiva em termos políticos, comerciais e de cooperação. Portanto, essa mudança não afetará a importância desta relação. Seguiremos com uma agenda positiva e, possivelmente, poderemos aprofundá-la em termos comerciais.” Sem as restrições da União Europeia, crê-se que o Reino Unido poderá negociar acordos diretos com outras nações. Desta forma, poderão surgir novas oportunidades para o Brasil, em especial para o setor agropecuário.

Na visão de Alinne, produtores nacionais de açúcar, carnes, café, entre outros produtos agropecuários, poderão se beneficiar de uma parceria ainda mais intensa entre os países. “Por enquanto, precisamos aguardar as diretrizes das negociações da saída do Reino Unido da UE para quantificar possíveis ganhos ou perdas para a relação bilateral comercial com o Brasil. Certamente, a parceria política e de cooperação continuarão fortes, assim como tem sido historicamente.”

Carnes

O presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra, observa que o Reino Unido é um relevante importador de alimentos. Por isso, ele acredita que as mudanças no cenário político-econômico não devem levar a retrações nos negócios com o Brasil. Pelo contrário: ele vê oportunidades para a intensificação das trocas comerciais.

Sozinho, informa Turra, o Reino Unido é um grande importador de carne de frango do Brasil, tendo comprado 77,5 mil toneladas em 2015. “Neste contexto, mais livre das amarras do bloco, o país europeu poderá intensificar os negócios com os exportadores brasileiros, visto que temos custos competitivos para abastecer este mercado. Obviamente, nossa estratégia será a de complementariedade de mercado, atendendo aos espaços que os produtores locais não ocupam”, salienta o presidente da ABPA.

Em comunicado, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) foi mais conservadora. “No momento, é impossível quantificar o impacto desta medida para as exportações de carne bovina brasileira, sem que sejam esclarecidas as

regras de acesso ao mercado britânico”, informou a instituição.

De acordo com a Abiec, as exportações de carne bovina para o Reino Unido representam 19% em valor e 24% em volume do que são exportados do Brasil para a União Europeia. Em relação ao total exportado pelo país, o Reino Unido representa apenas 2,6% do volume embarcado pelo produtor brasileiro para todo o mundo.

“A Abiec lembra que o Reino Unido é um importante mercado para carne industrializada. As exportações do Brasil para o Reino Unido representam, para esta categoria em específico, 19% do valor e 23,5% do volume total exportado pelo Brasil, devido aos britânicos serem grandes consumidores de corned beef (carne bovina em conserva)”, destaca a instituição.

Ainda segundo a Associação, “nos últimos anos, a União Europeia criou uma série de barreiras restritivas ao comércio com o Brasil, sejam elas sanitárias ou pela imposição de cotas”. “Algumas destas barreiras são tecnicamente injustificáveis e, por este motivo, esta entidade considera que, após a saída daquela nação do bloco europeu, uma negociação direta com o Reino Unido poderia ser facilitada, visando ao incremento das exportações brasileiras de carne bovina.”



Palácio de Buckingham, símbolo de Londres (Inglaterra)

Conhecimento compartilhado

Sindicato Rural de Pato Branco organiza viagem à Embrapa Trigo, em Passo Fundo (RS), para reavaliar o uso e a conservação do solo na região



Caravana de Pato Branco reuniu agricultores e engenheiros-agrônomo

Nos dias 13 e 14 de junho, uma comitiva composta por 40 agricultores e engenheiros-agrônomo da região de Pato Branco, no Sudoeste do Paraná, realizou uma missão técnica a Embrapa Trigo, em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, entidade referência mundial em tecnologia para a cultura do trigo e uso do solo. Durante dois dias, os profissionais participaram de palestras do curso sobre Agricultura Conservacionista, oficinas práticas e visita a uma propriedade-modelo. A partir dos novos conhecimentos, o grupo pôde reavaliar a postura dos agentes do agronegócio regional em relação à conservação do solo.

“Nós identificamos a necessidade de mudar nosso conceito e nossa relação com o solo, sob pena de inviabilizar a agricultura na região o curto prazo”, afirma Oradi Caldato, presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, que em parceria com a Associação dos Engenheiros Agrônomo da região Sudoeste, organizou a viagem.

Atualmente, a região registra graves processos erosivos, em alguns casos, com a volta até das voçorocas, termo que já andava esquecido do vocabulário diário de técnicos e agricultores do Sudoeste. “Regredimos no tempo. Precisamos retomar a aplicação de tecnologias corretas no uso do solo que permitam retirar dele todo o potencial disponível”, diz Caldato.

O grupo também participou de oficinas. Em uma delas, o pesquisador José Eloir Denardin apresentou práticas mecânicas corretas do uso do solo, principalmente em relação à rotação de culturas para a manutenção dos nutrientes. Do contrário, a compactação do solo impede a infiltração da água, e gera erosão, além de diminuir a produtividade.

“O pesquisador mostrou, por exemplo, que em uma área com conservação do solo correta, a chuva de 100 milímetros cai na lavoura e fica cerca de cinco meses abastecendo as plantas, até chegar ao córrego. Do outro lado, em uma área sem proteção, a água desce rapidamente e leva a parte mais rica do solo”, destaca o presidente do Sindicato Rural de Pato Branco.

Dentro da programação da viagem, os produtores e engenheiros-agrônomo visitaram a fazenda modelo Sementes falcão, um dos principais produtores de sementes do estado gaúcho. A propriedade sofria com a erosão no passado, e, após um trabalho de correção das curvas de nível, passou a produzir mais e um material de melhor qualidade.

Diante dos novos conhecimentos adquiridos e do entusiasmo do grupo, o projeto do Sindicato Rural de Pato Branco é organizar uma nova missão técnica no curto prazo. “Essa viagem ajudou na mudança de mentalidade dos produtores. Assim que possível, queremos fazer outra”, diz.

Mudanças em curso

Sindicato Rural de Ivaiporã arregaça as mangas e coloca em prática diversas ações para aproximar o produtor rural do trabalho do Sistema FAEP/SENAR-PR. Os resultados já aparecem



Nos últimos cinco anos, o Sindicato Rural de Ivaiporã vem passando por grandes mudanças que estão tornando os produtores rurais da região mais próximos do trabalho desenvolvido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Essa reestruturação passa por mudanças físicas, como a nova sede da entidade, mas também por mudanças de atitude, como explica o presidente Lourival da Silva de Goes, que está no seu segundo mandato.

Uma das mudanças mais positivas, na opinião do dirigente, foi a participação mais assídua dos associados nas Câmaras Técnicas da FAEP. Goes, por exemplo, participa da Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas. Ele divulgou a experiência aos associados, que adotaram a ideia. “Um começou a ir na Comissão de Leite, outro na Avicultura e hoje temos gente participando de praticamente todas elas”, comemora. “Além de maior conhecimento das cadeias produtivas das quais eles participam, quando a pessoa conhece de perto o trabalho da FAEP consegue divulgar melhor o trabalho do próprio Sindicato”, observa.

Outra mudança digna de nota foi a participação nos núcleos regionais. Quando assumiu, Goes notou que as reuniões do seu núcleo, realizadas em outro município da região, não contavam com a participação dos sindicatos. “Eram 17 sindicatos, mas nas reuniões só apareciam quatro”, recorda. Refletindo sobre essa situação, ele notou que as características de muitos municípios eram diferentes entre si. “Um planta cevada e trigo no inverno, outro é só o milho safrinha”, exemplifica.

Além disso, pesava o deslocamento entre as cidades, cuja distância nem sempre é pequena. Deste modo sugeriu uma reunião itinerante, que foi realizada primeiramente em Ivaiporã, reunindo nove dos 17

participantes. Diante desse resultado, ele sugeriu dividir os municípios daquele núcleo e Ivaiporã passou a ser sede de um núcleo que reúne 11 sindicatos. “Hoje a grande maioria participa”, conta.

A nova sede começou a ser construída nas gestões anteriores, mas ficou pronta em abril de 2012. Além das estruturas administrativas, o edifício conta com um auditório para 80 pessoas, salas para realização de cursos, espaço para confraternizações e está pronta a obra de uma cozinha industrial que poderá receber os cursos nas áreas de produção de alimentos do SENAR-PR. Outra novidade foi a aquisição de um automóvel para o Sindicato, um instrumento de trabalho que estava fazendo falta.

O presidente também destaca os avanços na Câmara da Mulher Rural, que reúne produtoras e esposas de produtores rurais do município para desenvolver diversas ações em prol da sociedade, como campanha do agasalho, bingos beneficentes e outras iniciativas. “Além de fazer tudo isso, a atuação delas ajuda a divulgar o trabalho do Sindicato”, observa Goes.



ALZHEIMER, NÃO!

Nos últimos anos, centenas de pesquisadores ao redor do mundo têm se dedicado a estudar as causas e as possíveis formas de prevenção da doença de Alzheimer. Foi com base nos estudos científicos mais recentes que a jornalista americana Jean Carper elaborou o livro *100 Dicas Simples para Prevenir o Alzheimer – E a Perda de Memória*. Para a publicação, a autora traduziu a informação médica em atitudes simples que podem ser incorporadas ao dia a dia para evitar o surgimento dos problemas de memória.

O Alzheimer é a forma mais comum de demência causada pela deterioração e atrofia lenta e progressiva

do cérebro, ocasionada por dois tipos de dano neuronal: depósito de placas de proteína beta-amiloide e emaranhados de proteína tau no cérebro. A doença não tem cura e os medicamentos apenas ajudam a preservar o que restou da função cerebral, além de possibilitar o tratamento de sintomas secundários como insônia e depressão. Em estágios avançados, os problemas de memória podem vir acompanhados de dificuldade de locomoção, comunicação e deglutição e incontinência.

Com base na publicação, selecionamos nove atitudes que podem evitar ou adiar o surgimento da doença. Veja quais são:

1. Siga a dieta mediterrânea

Alimentos como verduras, azeite, peixe e vinho podem manter o Alzheimer bem longe. Sabe-se que o ômega 3, presente em peixes ricos em gordura, como o salmão, ajuda a prevenir a doença.

Pesquisadores descobriram que o oleocantal, composto presente no azeite extra virgem, impede que os pequenos aglomerados de beta-amiloide se agarrem às células nervosas, retardando a doença. Já as verduras folhosas e crucíferas, como o espinafre, são capazes de frear e reverter a perda de memória. Estudos mostram que comer três porções de verduras e legumes por dia pode rejuvenescer a idade cognitiva de uma pessoa em cinco anos. Por fim, o vinho, principalmente o tinto, tem o poder de bloquear a perda de memória.

2. Não tenha medo da cafeína

A substância combate as toxinas do Alzheimer no cérebro, o que previne contra a doença e também ajuda diminuir o comprometimento, caso a demência já tenha se iniciado. Além disso, outras pesquisas mostram que beber café desde a juventude reduz o risco da doença. A bebida funciona como um anti-inflamatório que ajuda a bloquear os efeitos do colesterol no cérebro, além de ser uma ótima fonte de antioxidantes.

3. Seja mais tranquilo e positivo

O stress produz hormônios indesejáveis para o cérebro. Pessoas com comportamento positivo, maleável e tranquilo são menos propensas a enfrentar problemas de memória e demência.

Além disso, pesquisadores da Universidade da Califórnia descobriram que pessoas deprimidas possuem maior risco de desenvolver Alzheimer.

4. Aumente sua reserva cognitiva

Estudos mostram que, mesmo um cérebro acometido pelo Alzheimer, pode continuar funcionando se tiver muitos conhecimentos acumulados ao longo dos anos. Além disso, pessoas com maior grau de instrução são menos propensas a apresentar sintomas da doença.

5. Cuide da sua saúde

É importante controlar problemas como colesterol alto e diabetes. Os cientistas ainda não desvendaram como altos níveis de colesterol contribuem para o surgimento do Alzheimer, mas eles sabem que isso de fato acontece. Estudos já mostraram que ter um colesterol total alto pode contribuir para o desenvolvimento da demência três ou quatro décadas mais tarde.

Para quem sofre de diabetes tipo 2, o risco pode ser até três vezes maior de ter Alzheimer. Além disso, quanto mais cedo a pessoa desenvolver a condição, maior a probabilidade de desenvolver comprometimento cognitivo.

6. Controle a pressão arterial

Essa é uma das principais formas de adiar ou prevenir a demência. Se não for controlada, a pressão alta provoca perda de memória precoce, dobra as chances de desenvolver Alzheimer e aumenta em seis vezes o risco de demência vascular - quando o fluxo de sangue para o

cérebro é reduzido ou bloqueado e, assim, os neurônios morrem por falta de nutrientes.

7. Preocupe-se com o excesso de peso

Estudos mostram que indivíduos com sobrepeso ou obesidade apresentam degeneração severa do cérebro o que causa encolhimento do órgão e cria condições para o processo de demência. Sabe-se também que uma dieta com menos calorias está relacionada à redução da taxa de envelhecimento cerebral. Ou seja, as pessoas que comem menos têm cérebros mais saudáveis, mais funcionais e, conseqüentemente, com menor risco de Alzheimer.

8. Tenha uma boa noite de sono

Estudos mostram que dormir mal com frequência pode provocar um tipo de dano cerebral semelhante ao da doença. Também se descobriu que o sono ajuda a manipular os níveis da beta-amiloide. Por isso, dormir bem pode manter os níveis dessa toxina mais baixos, o que ajuda a prevenir os sintomas de Alzheimer.

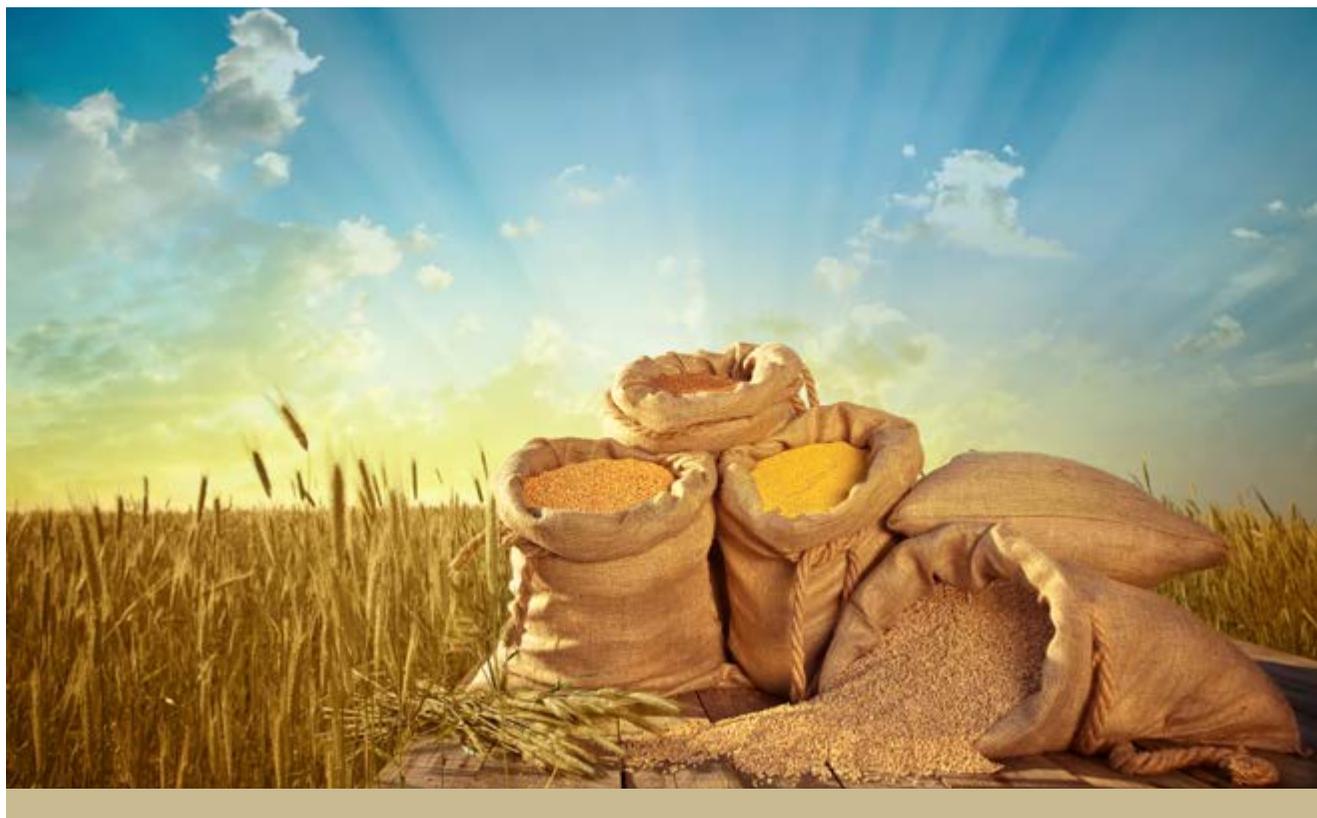
9. Mantenha-se fisicamente ativo

É conhecido que a prática de exercícios físicos estimula o cérebro. Outras pequenas atividades do dia a dia como levantar da cama, escovar os dentes e até mesmo abrir a geladeira também podem contribuir para grandes ganhos cognitivos. Quanto mais você se movimenta, melhor você pensa.

(Adaptado do site da revista Veja.)

O que pode “segurar” os preços?

Para consultor, projeções para a safra americana darão o tom do mercado nos próximos meses



Qual será o comportamento dos preços da soja, milho e trigo? Quais são as perspectivas a curto prazo com a consolidação da safra nos Estados Unidos? Diante dessas questões, a FAEP, em parceria com os sindicatos rurais, promove, a partir do dia 20 de julho os Seminários Tendências de Mercado de Grãos em Cornélio Procópio (20), Londrina (20), Maringá (21), Campo Mourão (21), Cascavel (26), Pato Branco (27), Ponta Grossa (28) e Guarapuava (28 de julho).

Ao longo de oito dias, o analista de mercado de commodities e economista Flávio França Júnior percorrerá o Estado para esclarecer as principais dúvidas dos produtores rurais. Nesta edição, o palestrante comenta sobre a variação do dólar, o impacto da safra americana, os riscos do La Niña e o que o produtor rural pode fazer diante desse fenômeno climático. Veja, abaixo, um “aperitivo” dos assuntos a serem cobertos pelos seminários, em uma entrevista com França Júnior.

Boletim Informativo – Há analistas de mercado que acreditam em dólar forte e os que confiam em uma valorização do real. Qual é a sua avaliação?

Flávio França Júnior – Existe uma corrente que acredita que o dólar cai para a casa dos R\$ 3,00 e há quem acredite que chegue aos R\$ 4,00. Na nossa visão, dificilmente o câmbio se manterá baixo por muito tempo, devido ao atual momento político e econômico no país. Os mais otimistas estão apostando numa taxa abaixo de R\$ 3,50, mas, na minha opinião, a taxa de câmbio está mais para o andar de cima devido a essas turbulências no nosso país.

BI - Quais são as perspectivas a curto prazo, com a consolidação da safra e plantio no Estados Unidos?

FFJ - Estamos entrando num momento chave para a definição da safra americana, entre os meses de julho e agosto, nas culturas de milho e soja, respectivamente. Dessa forma, estamos vivendo

um mercado de clima muito forte, num nível de volatilidade muito grande.

Independentemente disso, vamos considerar a hipótese de que a safra americana seja normal, sem grandes problemas. No atual cenário da soja, nós achamos que o mercado conseguiria manter o preço do bushel [medida de volume usada nos EUA, equivalente a 34,2 litros; uma tonelada de soja equivale a 37 bushels] acima dos patamares observados durante o ano passado (entre US\$ 8,5 e US\$ 9,00). Neste ano ficou na faixa dos US\$ 10 por bushel e tenho a impressão de que terá força para ficar acima dos US\$ 11 por bushel.

No caso do milho, o preço deve ficar acima de US\$ 4 por bushel, devido essas variáveis positivas no mercado internacional. Há a questão da safra sul-americana, com uma produção menor do que se esperava, assim como o aumento na demanda pelo produto norte-americano. Além disso, o mercado financeiro que está voltando a comprar produtos agrícolas e essa somatória de variáveis nos leva a acreditar que há consistência e solidez para segurar os atuais patamares.

BI - Que fatores poderiam assegurar que a soja ficaria num patamar acima dos US\$ 11 e o milho acima de US\$ 4?

FFJ - Para que o mercado tenha uma alta mais expressiva e significativa do que já teve, precisaríamos de uma nova variável a qual estaria atrelada neste momento às projeções da nova safra americana. Só vai ser possível saber qual vai ser o tamanho do impacto se ocorrer uma redução na safra de grãos nos Estados Unidos. Por enquanto, o andamento das lavouras de soja e milho está indo bem por lá. No entanto, temos dois meses ainda, e muita coisa pode acontecer e o resultado pode estourar mais ainda o preço.

BI - E com a chegada do La Niña, quais os riscos para o produtor?

FFJ - A dúvida é de qual será a intensidade desse fenômeno e também quando vai acontecer. Normalmente em anos de La Niña, o cultivo fica mais complicado para região Centro-Sul do país, porque o fenômeno está ligado a chuvas abaixo do normal. Teremos que acompanhar isso porque podemos ter problemas de clima na nossa

safrinha ou até mesmo trazer um impacto na safra americana, se ocorrer entre os meses de julho e agosto.

BI - O que o produtor deve fazer nesse momento?

FFJ - Ele deve ficar atento no que se refere ao plantio porque em anos de La Niña o ideal é repartir, espalhar ao máximo o plantio, para que o produtor não pegue momentos de estiagem em toda a safra. Porque se ele espaçar o plantio, se ocorrerem problemas, não irão atingir toda a lavoura.

São variáveis que preocupam e não há muito o que fazer. Ainda não se sabe se vai ter estiagem ou secas, pode ser que chova menos, mas de forma regular. Nós já tivemos exemplo disso e o prejuízo sobre a nossa safra acabou sendo pequeno. Não dá para afirmar que o La Niña irá provocar perdas. O produtor não deixará de plantar porque ele precisa plantar, arriscar, mesmo que ele colha um pouco menos. Não há muito o que fazer. A alternativa mesmo é não concentrar o plantio porque há como espaçar a necessidade diferente de cada pedaço da sua lavoura.

Saiba mais sobre o evento

O seminário é destinado a produtores rurais, técnicos, engenheiros-agrônomo, jornalistas e interessados em agronegócio. A entrada é gratuita e não há necessidade de inscrições antecipadas

DATAS, LOCAIS E HORÁRIOS

Cornélio Procópio

20 de julho | 09h00 às 11h30

Auditório Sindicato Rural de Cornélio Procópio
Av. Alberto Carazzai, nº 1630 - Centro

Londrina

20 de julho | 19h00 às 21h30

Auditório Milton Alcover
Parque de Exposições Ney Braga
Av. Tiradentes, nº 6275 - Jd. Rosicler

Maringá

21 de julho | 09h00 às 11h30

Salão Central - Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro
Av. Colombo, nº 2186 - Vila Moranguera

Campo Mourão

21 de julho | 19h00 às 21h30

Associação dos Engenheiros Agrônomos de Campo Mourão
Av. Irmãos Pereira, nº 2900 - Centro

Cascavel

26 de julho | 14h00 às 16h30

Auditório Principal Show Pecuário
Parque de Exposições Celso Garcia Cid
BR 277, Km 600 - Santos Dumont

Pato Branco

27 de julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Centro Regional de Evento
Rua Benjamin Borges dos Santos,
nº 611 - Fraron

Ponta Grossa

28 de julho | 09h00 às 11h30

Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa
Rua Comendador Miró, nº 860 - Centro

Guarapuava

28 de julho | 19h00 às 21h30

Anfiteatro do Sindicato Rural de Guarapuava
Rua Afonso Botelho, nº 58 - Trianon

Impacto imediato

Crise econômica não poupa nem o plano Agricultura de Baixo Carbono (ABC) no Paraná, referência na capacitação técnica para o desenvolvimento de projetos



Milton Gaiari, de Umuarama, reformou área de pastagem com crédito do plano ABC

O plano Agricultura de Baixo Carbono (ABC), lançado pelo governo federal em 2010 para incentivar a adoção de técnicas agrícolas sustentáveis, não passou ileso a crise que assola diversos setores do país. Diante de um cenário de juros altos e instabilidades econômica e política, a contratação de operações via ABC despencou no Estado na última safra agrícola.

De acordo com dados do Banco do Brasil, principal agente financeiro do agronegócio nacional, 159 contratos foram realizados na safra 2015/16, no valor total de crédito disponibilizado de R\$ 25,5 milhões. Na temporada anterior, quando a crise ainda era uma “marolinha” por aqui, 854 contratos, no montante total de R\$ 138,7 milhões, foram efetivados. Ou seja, a crise atingiu em cheio o andamento do ABC no Paraná, com queda de mais de cinco vezes tanto no número de contratos como no valor liberado.

“Com esse cenário que está aí, com instabilidades econômica e política, o produtor ficou reticente”, aponta Renato Viana Gonçalves, coordenador do plano ABC no Paraná. “O produtor não vai entrar só porque é bonitinho. Tem a segurança da pesquisa e da extensão que comprova a eficiência, sustentabilidade e rentabilidade, complementa.

Histórico

Apesar do momento conturbado, o plano ABC tem um histórico de excelência no Paraná. Na safra de lançamento (2010/11), apenas um contrato foi realizado, no valor de R\$ 395 mil. Posteriormente, o que se viu por aqui foi um avanço rápido e sólido do programa, principalmente em função da capacitação do corpo técnico para o desenvolvimento de projetos, exigidos na hora de contratar o crédito junto aos agentes financeiros.

A necessidade de preparar os técnicos ocorreu em 2011, a partir de um diagnóstico por parte do grupo gestor do programa no Estado, que contava com a participação de 13 entidades do agronegócio, tanto do setor público como privado, como o Sistema FAEP/SENAR-PR. Inclusive, o SENAR-PR financiou parte dos custos dos cursos de qualificação para os técnicos e também para produtores.

“Núcleos de capacitação no Paraná foram organizado em pouco tempo para atender a demanda. Capacitamos mais de 300 técnicos. Foi uma iniciativa inédita no Brasil”, relembra Gonçalves.

O poder de mobilização e o rápido trabalho tiveram reflexos positivos imediatos em diversas esferas. Houve um avanço surpreendente no número de contratos. Na safra 2011/12, 510 adesões foram realizados via Banco do Brasil, no valor total de R\$ 117,3 milhões. Na temporada seguinte, recorde de 997 contratos efetivados junto ao Banco do Brasil e crédito ofertado no valor de R\$ 175,8 milhões.

Além disso, o trabalho de capacitação realizado por aqui se tornou referência nacional. Estados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul procuraram o Paraná para entender, o sistema de capacitação.

“Efetivamente, consideramos que o plano ABC começou no Paraná em 2012. Pois além da capacitação dos técnicos, houve um trabalho de convencimento dos produtores”, explica o coordenador no Paraná.

Nesta época que o pecuarista Milton Gaiari fez um financiamento pela Agricultura de Baixo Carbono para recuperar a pastagem de 96 hectares do total de 175 hectares da propriedade em Umuarama, Noroeste do Estado. Além da reforma da área, Gaiari aproveitou para comprar mais cabeças de gado.

“A recuperação de um pedaço da área permitiu incrementar o plantel”, ressalta o pecuarista, que antes do ABC tinha 300 cabeças, e agora conta com 550. “Além de quase conseguir dobrar a quantidade, o boi valorizou bastante. Foi um ótimo negócio entrar no programa”, complementa.

Os resultados positivos registrados ao longo dos últimos quatro anos servem de incentivo para um novo projeto via Agricultura de Baixo Carbono. “Já procurei uma empresa que está desenvolvendo o projeto. Quero recuperar o pasto do restante da propriedade. Quero financiar já nesta safra que está começando (2016/17)”, conta Gaiari.

Desafio

Vencida a etapa de capacitação dos técnicos, o grupo gestor trabalha no convencimento dos produtores. Na verdade, uma mudança de mentalidade do setor produtivo paranaense. “A soja e o milho são sistemas muito bem estabelecidos no Estado. E, o rendimento é no curto prazo. O ABC precisa ter um horizonte de análise de médio e longo prazos. Mas é uma oportunidade fantástica.

Quem entra, não se arrepende”, enfatiza Renato Viana Gonçalves.

Gonçalves destaca o fato de o Paraná ter histórico de tecnologias sustentáveis, como o plantio direto e a integração lavoura-pecuária-floresta, como base para o desenvolvimento do ABC.

O pecuarista Milton Gaiari também faz coro pela adoção do plano. Como grande entusiasta das tecnologias de sustentabilidade, Gaiari é um divulgador do ABC na região de Umuarama. “Eu incentivo o pessoal e, bastante gente com que falei, fez. Certamente, dá para adotar técnicas agrícolas sustentáveis, recuperar a propriedade, pagar o financiamento e ainda tirar um bom dinheiro”, afirma.

ABC minúsculo

Depois de crescimento nos primeiros anos, crise econômica e política derrubou número de contratos do programa ABC no Paraná.



Fonte: Banco do Brasil | Elaboração: Sistema FAEP/SENAR-PR

Como funciona

O programa ABC é dividido em sete ações sustentáveis:

- Recuperação de Pastagens Degradadas;
- Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF) e Sistemas Agroflorestais (SAFs);
- Sistema Plantio Direto (SPD);
- Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN);
- Florestas Plantadas;
- Tratamento de Dejetos Animais;
- Adaptação às Mudanças Climáticas.

Uma referência para a avicultura do Paraná



Centro Tecnológico de Avicultura em Assis Chateaubriand

Em julho do ano passado, o casal Micheli Fagundes Januário e Adilson Cândido Januário, de Assis Chateaubriand, no Oeste paranaense, decidiu mudar de vida e encontrou no SENAR-PR todo o apoio necessário. No Centro Tecnológico de Avicultura do Paraná, eles fizeram o curso Trabalhador na Avicultura de Corte - operação de controladores de ambiência para aviários. De julho para cá, a rotina do casal mudou completamente. Micheli, que trabalhava com costura, e Adilson, bancário na época, assumiram a administração de uma granja com 66 mil aves, a três quilômetros de Assis Chateaubriand.

“A gente não tinha nenhuma experiência nesse setor e o curso foi fundamental para termos sucesso na nova atividade”, conta Micheli. Segundo ela, desde o primeiro lote de frangos o casal foi melhorando o manejo, de olho na ambiência, ventilação das granjas, entre outros fatores. Enquanto Micheli é a encarregada pela parte que envolve o uso de equipamentos, como painéis controladores, por exemplo, Adilson cuida da nutrição das aves. Com o curso vieram os bons resultados: “Aumentamos em R\$ 2 mil a nossa renda”, revela Micheli.

O caso dos Januário é um retrato de como a capacitação faz a

diferença e possibilita a viabilidade de uma atividade. Nesse contexto, está inserido o Centro Tecnológico de Avicultura do Paraná, inaugurado em 2014. Instalado numa área de 1.210,46 m² do Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand, o aviário com o modelo dark house (casa escura) conta com modernas instalações e equipamentos, como painéis controladores, placa evaporativa, túnel door, linhas de comedouro automático e uma ampla sala de aula climatizada.

Desde a sua inauguração, até o último dia 10 de junho, 743 participantes concluíram o curso Trabalhador na Avicultura de Corte - operação de controladores de ambiência para aviários e, desse total, 706 foram aprovados. O Centro se tornou uma referência no país e gente de outros Estados se dirige a Assis Chateaubriand em busca de capacitação. É o caso do pecuarista José Roberto de Câmara Belmont, 50 anos, de Tocantins.

Através de buscas e pesquisas na internet por modelos do uso de alta tecnologia na avicultura, ele descobriu o Centro e vai participar do curso no período de 11 a 13 de julho. Filho de um dos pioneiros na avicultura de corte em Paudalho, em Pernambuco, na

década de 70, ele dedicou boa parte da sua juventude na administração das granjas da família. Hoje, pretende investir novamente na criação de frangos. “A capacitação no Centro vai ser imprescindível para o enriquecimento dos meus estudos no planejamento da viabilidade do meu projeto, principalmente para minha atualização com o uso de novas tecnologias. É o caso do sistema dark house”, observa José Roberto.

Assim como ele, produtores do Mato Grosso do Sul, mobilizados pelo SENAR-MS, vieram a Assis Chateaubriand para fazer o treinamento no curso de avicultura. Duas turmas, no último mês de abril, participaram da capacitação.

Segundo a zootecnista Daniella Sgarioni de Faria, técnica do SENAR-PR responsável pelos cursos de avicultura, a busca pelo curso tem aumentado cada vez mais, tanto pelas cooperativas como integradoras. “Essa procura ocorre em função da operação dos controladores de ambiência por parte dos avicultores cooperados/integrados. Até mesmo pelos próprios avicultores de diferen-

tes regiões do Estado que solicitam o curso aos sindicatos ou diretamente ao CTA. Além disso, pela procura de avicultores de outros Estados. Tudo isso só confirma o quanto o Centro Tecnológico de Avicultura tornou-se referência em treinamentos para a ambiência na avicultura industrial. Isso nos motiva a continuar pesquisando e desenvolvendo treinamentos que tragam respostas e facilitem o trabalho do avicultor”, avalia Daniella.

Parcerias

O Centro Tecnológico de Avicultura do Paraná mantém parcerias com a Copacol, Coopavel, LAR, BRF, C.Vale, Grupo Vibra, entre outras empresas.



Avicultura em números

A cadeia produtiva do frango aparece como um dos destaques do agronegócio brasileiro, com recordes seguidos de produção e exportação, movimentando mais de R\$ 50 bilhões por ano e empregando quase 3,5 milhões de pessoas no Brasil.

No Paraná, maior produtor do país, ao todo, 737,35 milhões de cabeças de frango já foram abatidas até o mês de maio, de acordo com dados do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar). O número é 11,8% maior se com-

parado ao mesmo período de 2015, quando 659,37 milhões de aves foram abatidas. Só em maio, a produção foi de 148 milhões de cabeças.

O Estado também continua liderando as exportações do segmento no Brasil, com 658,46 mil toneladas da proteína embarcadas durante os cinco primeiros meses de 2016, ante 554,06 mil exportadas em 2015, segundo informações da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O resultado indica um aumento de 18,8% em comparação ao mesmo período do ano passado.

O adeus ao pioneiro do café

Wilson Baggio foi presidente e fundador do Sindicato Rural de Cornélio Procópio e uma das mais importantes lideranças do setor cafeeiro do Brasil



É sempre bom lembrar que a história se faz com homens de integridade e coragem, que deixam um legado de desenvolvimento e progresso por onde passam. São pessoas indispensáveis, que, quando partem, deixam uma lacuna difícil de ser preenchida por aqueles que ficam. É o caso do produtor e empresário Wilson Baggio, uma das lideranças rurais mais importantes da região de Cornélio Procópio, que nos deixou na madrugada de 26 de junho, aos 91 anos de idade.

Natural de Araras (SP), Baggio chegou à região de Cornélio Procópio em 1945, após se formar no curso de Contabilidade na cidade de Botucatu (SP), com objetivo de ajudar seu pai na condução de uma propriedade de café. Essa cultura esteve ligada à história da

família Baggio, desde que o avô de Wilson, Salvatore Baggio, aportou no Brasil em 1886, vindo da Itália para trabalhar nas lavouras cafeeiras paulistas.

Desde que desembarcaram no Brasil, os Baggio nunca deixaram a cultura do café. Atuaram nas cidades de Araras e Pirassununga, no interior de São Paulo, e mais tarde no Paraná. Wilson levou essa vocação a um novo patamar quando passou a ser, além de produtor, um articulador do setor cafeeiro, que na primeira metade do século XX vivia seu grande esplendor. Tornou-se uma liderança entre os produtores paranaenses, defendendo os interesses do setor junto ao governo do Estado e a órgãos como o Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Nessa linha de atuação de defesa dos interesses do setor cafeeiro, Wilson fundou a Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Cornélio Procópio (Coprocafé), entidade que presidiu por muitos anos. Também foi um dos fundadores da Sociedade Rural de Cornélio Procópio e do Sindicato Rural de Cornélio Procópio, do qual também foi presidente. Segundo colaboradores e membros da diretoria, mesmo em idade bastante avançada, Wilson Baggio ainda visitava o sindicato, sempre com uma visão arguta das nuances do agronegócio e uma mente lúcida como sempre foi.

Segundo seu filho, Wilson Baggio Júnior, o pai entendia que somente com a união e com atuação classista seria possível reivindicar as necessidades que a cultura do café exigia. Por isso sua vida sempre esteve ligada ao associativismo, pois via neste caminho a chave para o fortalecimento do setor.

Nessa jornada de luta e superação, ele enfrentou nada menos do que 19 geadas, entre elas a terrível geada negra de 1975, que dizimou os cafezais paranaenses e mudou para sempre a configuração socioeconômica do Estado. Nem mesmo frente a esse episódio Baggio se abateu, permaneceu apostando no café até o ano 2000, quando migrou para outras culturas, como a soja.

Como cafeicultor, cada inverno era um período de sofrimento, que dividia os produtores do Estado, uma vez que de uma noite para outra poderia se perder todo trabalho de anos. Nesse sentido, sempre difundiu o lema de que o cafeicultor precisaria manter o capital de giro necessário para conseguir levar adiante sua atividade nos períodos de crise. Dizia sempre que o binômio: atitude de governo e união da classe seriam os fatores que produziriam os melhores resultados para proteção da cultura.

Foi membro do Conselho Consultivo do IBC, do Conselho Na-

cional do Café e presidente da Comissão do Café da FAEP, entidade à qual sempre esteve ligado, emprestando sua força e experiência ao associativismo paranaense, levando as aspirações e necessidades dos cafeicultores do Estado aos mais altos representantes governamentais.

Sua reconhecida capacidade de articulação levou-o a ser convidado pelo ex-presidente Itamar Franco a assumir o Ministério da Agricultura durante o seu governo. Na ocasião, Wilson declinou do convite por entender que a luta deveria sempre ser classista, portanto não poderia se afastar das bases da cafeicultura.

Paixões

Apaixonado pelo que fazia, Wilson tinha como companheira inseparável uma caderneta onde anotava tudo que fazia e falava. Uma ferramenta poderosa para gerenciar todas as atividades que exercia simultaneamente. Nada lhe escapava e cada anotação era acompanhada da data, pois, segundo ele “até fotografia, se não tiver data, não vale nada”.

Sempre teve muitos amigos, costumava dizer que as maiores riquezas de um homem são sua fé em Deus e suas amizades, às quais sempre se dedicou com empenho.

Foi casado com Maria Thereza Michielin Baggio, com quem viveu quase 61 anos. Deixa os filhos Wilson Baggio Junior, casado com Giselle Denise Ferreira Baggio; Pedro Baggio Neto, casado com Elsie Pereira da Silva, e a filha Maria Tereza Baggio Pinheiro Guimarães, casada com Ulysses Pinheiro Guimarães. E os netos Pedro Turquino Baggio e Ulysses Pinheiro Guimarães Filho.



Wilson Baggio, Francisco Nascimento, João Luiz Rodrigues Biscaia, Ágide Meneguette, Amin Hannouchi e Floriano Ribeiro

União pelo registro de defensivos

FAEP reúne Estados do Sul para levantar as necessidades das culturas que não contam com suporte fitossanitário



O Paraná somou forças com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina para realizar o levantamento de demandas para as culturas que não contam com o suporte fitossanitário adequado. No último dia 28 de junho, a FAEP reuniu, em Curitiba, representantes de empresas de frutas e hortaliças, órgãos de governo, institutos de pesquisa e federações da agricultura dos três Estados com o objetivo de unificar as demandas referentes ao registro de produtos para controle de pragas e doenças nas culturas que são comuns na região Sul.

A iniciativa da FAEP tem como objetivo integrar as três unidades da federação, de modo a reunir as demandas para o registro destes produtos e encaminhar às empresas de agroquímicos, de forma organizada. “O papel do setor produtivo e dos profissionais da assistência técnica é identificar as demandas necessárias para o campo validadas pela pesquisa e encaminhar para a análise de registro pelas empresas”, explica a engenheira agrônoma Elisangeles de Souza, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP.

“Essa é uma iniciativa pioneira. A ideia é utilizar o modelo do

Paraná para levantar os dados de outros Estados. Precisamos saber quais são as prioridades do setor”, observa o assessor técnico da Comissão Nacional de Fruticultura, Flores e Hortaliças da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) José Eduardo Costa. Segundo ele, o alinhamento dos três Estados do Sul poderá evitar retrabalhos no campo dos pedidos de novos registros. “O melhor é fazer a coisa conjunta, já que as culturas são semelhantes no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”, afirma.

O modelo a ser adotado pelos três Estados foi desenvolvido pela FAEP, que coordena o levantamento das demandas no Paraná para pequenas culturas apresentando a realidade e a urgência de soluções para o problema junto aos órgãos registrantes, empresas fabricantes e instituições de pesquisa, realizando um trabalho de referência no Brasil.

Este levantamento é realizado em parceria com a Emater, Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Agência de Defesa Sanitária do Paraná (Adapar), Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-PR),

Frutipar, Federação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná (Feap), Ocepar e Embrapa, além de diversas associações de produtores. “O sucesso dessa empreitada está baseada nas boas parcerias que construímos”, observa Elisangeles.

Legislação

As chamadas *minor crops*, definidas no Brasil como sendo “Culturas de Suporte Fitossanitário Insuficiente” (CSFI), são culturas para as quais não há agrotóxicos registrados, ou eles existem em número reduzido. Todos os segmentos ligados à produção de frutas e hortaliças e alguns cereais conhecem bem o problema decorrente da ausência de agrotóxicos registrados. Essa ausência ocasiona o uso irregular e dificulta o trabalho do engenheiro-agrônomo, que, muitas vezes, fica de mãos atadas, pois não tem como prescrever legalmente um agrotóxico não registrado.

Para contornar essa situação e simplificar o registro, em 2014 foi publicada a Instrução Normativa Conjunta (INC nº1/2014), envolvendo o Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que tem como objetivo a extrapolação de valores de Limite Máximo de Resíduos (LMR) e o Intervalo de Segurança (IS), das culturas representativas, como o tomate, por exemplo, que possui produtos registrados, para as demais culturas que apresentam as mesmas características botânicas, alimentares e fitotécnicas, mas que não têm agrotóxicos autorizados, como o pimentão, berinjela, jiló e pimenta, todas *minor crops*.

Exemplo

Imagine um produtor que deseje utilizar um agrotóxico recomendado para o tomate no manejo da berinjela. Nesse caso o LMR do agrotóxico não tem registro para berinjela, mas tem para tomate. De acordo com a INC nº 01/2014, a berinjela consta do grupo cuja cultura representativa é o tomate e do subgrupo cuja cultura representativa é o pimentão.

Dessa forma, as associações ou cooperativas de produtores, instituições de pesquisa ou extensão rural, ou empresas registrantes poderão indicar o agrotóxico para a extrapolação do LMR do tomate para a berinjela.

Para que isso aconteça, é necessário que a empresa fabricante apresente primeiramente ao Mapa o

requerimento de solicitação dessa extrapolação. A empresa nesse momento assina um termo de ajuste para realização de estudos de resíduos durante um prazo de 24 meses para o estabelecimento do LMR para o pimentão, que é a cultura representativa do sub-grupo ao qual pertence a berinjela.

Após serem realizados os estudos de resíduos, o LMR estabelecido para o pimentão será o LMR definitivo para a berinjela, o qual também poderá ser estendido para o jiló e para pimenta, pois ambos pertencem ao subgrupo do qual o pimentão é a cultura representativa. O LMR estabelecido será considerado definitivo, desde que não apresente impacto na estimativa da Ingestão Diária Aceitável (Ida).

Avanços

A norma trouxe como benefício o maior envolvimento da cadeia produtiva. O desafio que está sendo trabalhado agora é a integração do governo, pesquisa e indústria para agilizar esse registro e disponibilizar mais essa opção de ferramenta para o manejo das culturas. Dessa forma, será possível que os engenheiros-agrônomo recomendem esses produtos aos produtores, proporcionando a produção de alimentos seguros, com a garantia de um produto que foi analisado pelo Mapa, Anvisa e pelo Ibama.

Até o momento já foram registradas para 47 marcas comerciais registradas pela IN nº 01/2014. “Esse é um trabalho dos mais importantes, pois está tirando os produtores da ilegalidade”, observa Moisés Lopes de Albuquerque, diretor executivo da Associação Brasileira dos Produtores de Maçã (ABPM).

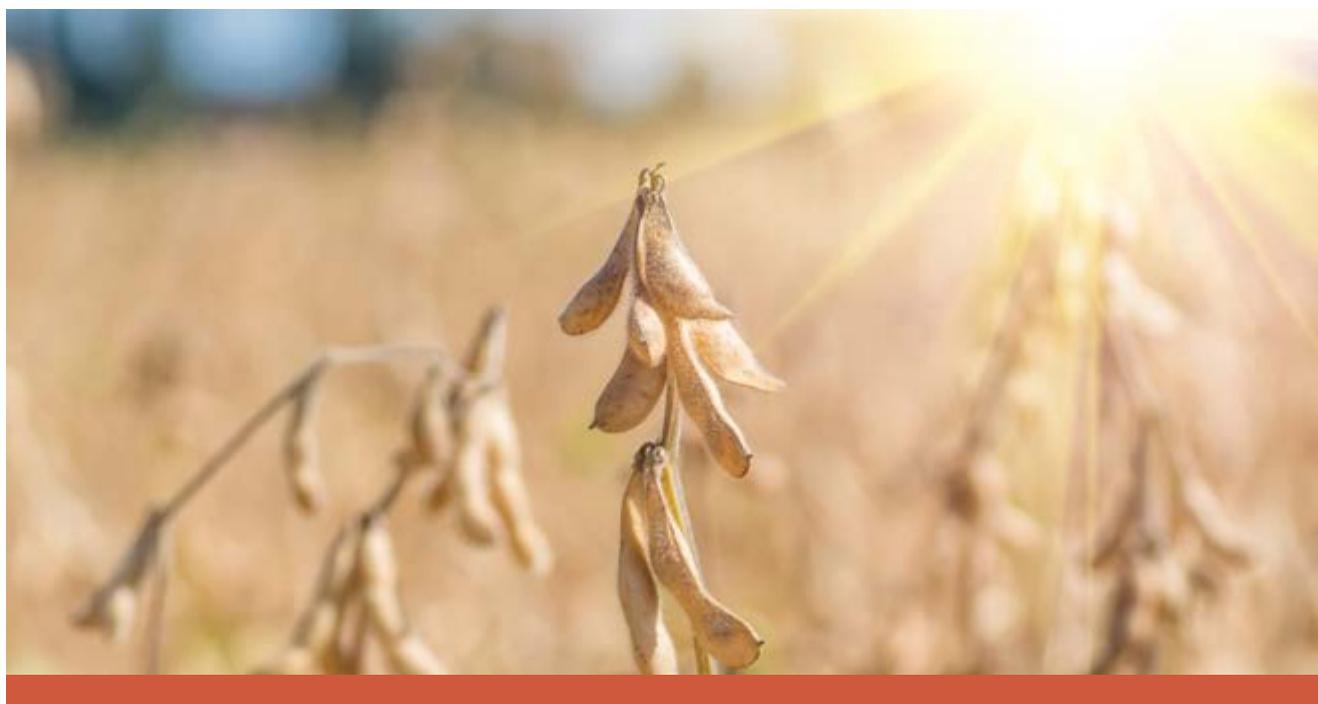


Reunião dos três Estados da região Sul realizada na FAEP

Mais soja na próxima temporada

USDA indica aumento de área de soja nos Estados Unidos e elevação nos estoques trimestrais americanos

Por Tânia Moreira Alberti, economista da FAEP



O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou em 30 de junho dois importantes relatórios para o mercado de grãos. Um deles trata da área de plantio nos Estados Unidos na atual temporada (2016/17) e outro mostra a posição dos estoques trimestrais americanos.

A área de soja aumentou para 83,7 milhões de acres (33,8 milhões de hectares), em sintonia com as expectativas de mercado, já que o aumento de área já era previsto, e maior que a previsão inicial de 82,2 milhões de acres (33,2 milhões de hectares) para temporada 2016/17.

A área de 83,7 milhões de acres para temporada atual é 1% maior que a área da safra 2015/16. A área a ser colhida é estimada em 83 milhões de acres (33,5 milhões de hectares), acima da safra passada e a maior área colhida na série histórica, segundo o USDA.

Para os estoques trimestrais de soja foi apontado crescimento de 39% em relação a junho do ano passado. O número subiu para 23,68 milhões de toneladas.

No milho havia expectativa de que a área diminuísse em relação ao inicialmente previsto de 93,6 milhões de acres (37,8 milhões de hectares). No entanto, a área aumentou para 94,1 milhões de acres (38 milhões de hectares), a terceira maior área já plantada na série história americana. Os dados surpreenderam o mercado, e as cotações de milho afundaram em Chicago após a divulgação do relatório.

Nos estoques trimestrais de milho foi indicado aumento de 6% em relação a junho de 2015, totalizando 119,98 milhões de toneladas.

Em resumo, os dados divulgados pelo USDA revelam mais área na soja e no milho, e estoques maiores. São projeções que mostram um quadro a favor da oferta nos Estados Unidos. No entanto, estas estimativas seguirão condicionadas ao clima. Apenas condições climáticas positivas entre julho e agosto poderão influenciar resultados excelentes de safra, mas até o momento a expectativa de clima seco permanece chamando a atenção do mercado na Bolsa de Chicago.

Clima em julho e agosto é chave para os resultados

O plantio de soja nos Estados Unidos ocorre principalmente entre maio e junho, e atualmente está concluído com 72% das lavouras americanas de soja em condições de boas a excelentes. Apesar das boas condições atualmente, o clima permanece como motivo de atenção e será fundamental entre julho e agosto. Condições de seca são esperadas para este período importante.

Na safra 2015/16 com a área de 82,7 milhões de acres foi colhida uma safra recorde de 106,88 milhões de toneladas. Na safra passada a área de milho era de 88 milhões de acres, resultando em uma produção de 345,49 milhões de toneladas, como terceiro recorde de produção americano.



NOTAS

Premiação da APCBRH

Tradicionalmente, a Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa (APCBRH) realiza, no mês de junho, um momento especial para a raça Holandesa em que são homenageados os pecuaristas que obtiveram resultados superiores em produção, qualidade, genética e saúde com seus animais e rebanhos. “Ao mesmo tempo em que homenageamos alguns, entendemos que os destaques são todos aqueles que integram nossa Associação. A premiação mostra que é possível produzir com qualidade e que, mesmo em momentos de dificuldades, podemos ter resultados positivos”, explica o superintendente da instituição, Altair Antonio Valloto.



A cura pode estar na própria folha

Pesquisadores da Embrapa descobriram que bactérias encontradas na própria planta podem ser a solução para a bacteriose, doença que provoca até 30% de perdas a fruticultores que cultivam maracujá. Ao isolar organismos da superfície das folhas (filoplasma), os cientistas os testaram no combate à doença e conseguiram reduzir sua severidade em até 40%. A bacteriose provoca lesões nas folhas e deixa os frutos impróprios para consumo. Em caso de surto, pode exigir a eliminação total do pomar.

Reforço sobre rodas

Programa Trator Solidário completa uma década com 10 mil unidades entregues. Maquinário revigora produção nas pequenas propriedades



De acordo com os dados do Departamento de Economia Rural (Deral), ligado a Seab, Ipiranga, na região dos Campos Gerais, é o município que registra o maior número de tratores financiados em 10 anos, com 256 máquinas.

Considerando região, Toledo está no topo do ranking com 1.099 unidades financiadas aos agricultores familiares. Em seguida, vêm as regiões de Curitiba, com 913 tratores, Ponta Grossa, com 848, e Cascavel, 798 máquinas.

O governo estadual definiu como meta alcançar 12 mil tratores entregues pelo programa entre 2016 e 2018.

Abertura

A produção de milho, fumo e mandiocinha salsa na propriedade de 14 hectares do produtor José Valmir Tschoeke, no município de Piên, na Região Metropolitana de Curitiba, é dividida entre o antes e o depois da chegada do trator de 50 cavalos, adquirido por meio de financiamento no programa Trator Solidário em 2008. Antes, o agricultor era refém do empréstimo das máquinas da prefeitura municipal e/ou do aluguel junto aos vizinhos. Em casos extremos, para não perder a janela de plantio, a solução era usar o bom e velho cavalo para puxar o arado.

“Minha produção era totalmente dependente de terceiros. Depois que adquiri o trator, a produção aumentou, pois consigo fazer o serviço em um menor tempo e no período correto”, comemora Tschoeke, que já terminou de pagar a máquina. “Em Piên é difícil achar alguém com um canto de terra documentado que não tirou um trator pelo programa”, complementa.

A máquina de Tschoeke faz parte do universo de 10 mil tratores que foram entregues ao longo de uma década do Trator Solidário. Implantado em outubro de 2006 pelo governo paranaense, via Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab) e entidades parceiras, o programa investiu R\$ 570 milhões.

“Complicado ter um número fechado das consequências positivas. Mas temos relatos de que muitos produtores aumentaram área de plantio, deixaram de alugar máquinas e melhoraram a renda”, destaca Osmar Schultz, coordenador estadual de crédito rural pela Emater.

Em 2011, a pedido dos próprios agricultores, o programa Trator Solidário passou por uma remodelação. Antes exclusivo para trator, abriu a possibilidade para o financiamento de colhedoras, tratores exclusivos para pomares e lavouras de café e equipamentos para pulverização das lavouras. Este ano, por exemplo, tratores cabinados começaram a ser financiados.

“O produtor quer comodidade maior”, diz Schultz. “Atualmente, tem alguns [produtores] pedindo outras máquinas, como semeadeiras. Mas isso depende das fábricas também”, explica.

O sucesso do programa despertou o interesse de outros Estados produtores de grãos. Recentemente, Mato Grosso, maior produtor de soja do país, pediu informações para verificar a possibilidade de implantar algo semelhante.

Crerios

Os tratores são financiados com preços entre 15% a 20% abaixo dos praticados nas vendas. O sistema de financiamento é efetivado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), com juros fixos de 5,5% ao ano e correção em equivalência-produto, cuja moeda é o preço do milho, plantado em quase todas as propriedades do Paraná. O financiamento é no prazo de 10 anos, com carência de mais dois.

120 sacas de soja

No último dia 29 de julho, o produtor rural João Carlos da Cruz, de Buri (SP), foi anunciado como o campeão nacional de produtividade de soja na safra 2015/2016. Ele venceu o Desafio Nacional de Máxima Produtividade promovido pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb), com uma colheita de 120,07 sacas por hectare na sua fazenda. O resultado da área de 10 hectares que ele inscreveu no concurso é mais do que o dobro do rendimento médio nacional da produção de soja no Brasil, que, neste ano, é de 48,7 sacas por hectare, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Apesar de excepcional, o número do campeão ficou bem abaixo da meta definida pelo Cesb para o desafio deste ano, de 143 sacas por hectare. O resultado foi apresentado no Fórum Nacional de Produtividade, realizado na cooperativa Cocomar, em Maringá (PR).

No ano passado quem levou o título de campeão nacional

foi o paranaense Alisson Alceu Hilgenberg, de Ponta Grossa. Ele alcançou a mais alta marca já registrada no concurso: 141,79 sacas por hectare, resultado da utilização de tecnologias inovadoras do plantio à colheita.



João Carlos: campeão de produtividade

Repactuação do pedágio



O consultor da Faep Antônio José Ribas e o técnico da entidade Nilson Hanke Camargo participaram da reunião sobre o pedágio

promovida pelo Sindicato Rural e a Associação Comercial e Industrial de Campo Mourão (Acicam), no auditório da entidade, no dia 27 de junho.

Ribas abriu o evento com a palestra “A Realidade do Pedágio no Paraná”, apresentada para uma plateia de mais de 100 representantes empresariais, de entidades, lideranças políticas e comunidade em geral.

Durante a palestra sobre “A Realidade do Pedágio no Paraná”, o presidente da Viapar, José Camilo Teixeira Carvalho, disse que há o interesse da concessionária em reduzir as tarifas aos usuários. “Isso é possível e a Viapar tem uma proposta concreta de repactuação de contrato [renovação] para a redução imediata de tarifas, com a inclusão de novas obras. O que queremos é prazo para amortizar esses investimentos”, afirmou.

Também participaram do evento o presidente do Sindicato Rural, Nelson Teodoro de Oliveira, e o presidente da Acicam, Paulo César Gomes.

Ovinos em destaque

Com o objetivo de fomentar a comercialização de ovinos e promover a melhoria da genética do rebanho local, o Sindicato Rural de Campo Mourão realiza entre os dias 5 e 10 de julho a 10ª edição da Exposição e Feira Agropecuária, Comercial e Industrial de Campo Mourão, que ocorre simultaneamente à tradicional Festa do Carneiro no Buraco. A organização espera reunir este ano 300 animais para a exposição de raças como Texel, Dorper, Santa Inês e Île de France. Até o momento já confirmaram participação 16 expositores de diversos Estados.

O evento acontece no Parque de Exposições Getúlio Ferrari. Mais informações pelo telefone (44) 3525-1878.

São Mateus do Sul



Aplicação de Agrotóxicos

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul, em parceria com o Sebrae, realizou entre os dias 9 e 11 de maio o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxico - Pulverizador costal manual. Participaram nove pessoas com o instrutor Qohélet José Ianiski Veres.

Campina da Lagoa



Alimentos

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou nos dias 10 e 11 de maio o curso Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e transformação caseira de cereais - Básico em Milho. Participaram 10 trabalhadoras rurais com a instrutora Zeli da Conceição Ferreira de Oliveira.

Palotina



Colhedora Tangencial

O Sindicato Rural de Palotina realizou entre os dias 12 e 14 de maio o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedora Automotrizes – Colhedora Tangencial – NR 31. As aulas aconteceram na sede da Empresa Equagril. Participaram 12 pessoas com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski.

Chopinzinho



Panificação

O Sindicato Rural de Chopinzinho, em parceria com a Associação Mulheres Rurais, realizou nos dias 17 e 18 de maio o curso Produção Artesanal de Alimentos – Panificação. Participaram 15 pessoas com a instrutora Ednilza Godoy.

Rondon**Comunicação**

O Sindicato Rural de Rondon realizou nos dias 19 e 20 de maio o curso Gestão de Pessoas - Comunicação e Técnicas de Apresentação. Participaram 18 pessoas com o instrutor Francisco José Bochi.

Apucarana**Posse**

No último dia 23 de maio, tomou posse a nova diretoria do Sindicato Rural de Apucarana. Foram empossados Claudomiro Rodrigues da Silva como presidente, Geraldo Emerlindo Maronezi, como vice-presidente, Satio Kayukawa, como secretário e Luiz Fermino como tesoureiro. O diretor-financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, prestigiou a cerimônia de posse.

São João**Manutenção de Retroescavadeira**

O Sindicato Rural de São João realizou entre os dias 16 e 19 de maio, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Retroescavadeira - básico em retroescavadeira. Participaram oito pessoas com o instrutor Adelar Cagnini.

Campina da Lagoa**Aplicação de Agrotóxicos**

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou entre os dias 22 e 24 de março o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos - NR 31.8. Participaram 12 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Jorge Luiz Dias Alves.

Pouca praia

O Paraná tem o segundo menor litoral do Brasil, com 98 quilômetros entre os limites Norte e Sul. Perde apenas para o Piauí, com seus 66 quilômetros.



Cabo-de-guerra

Mais conhecido como uma brincadeira infantil, o cabo-de-guerra já foi esporte olímpico, disputado entre os jogos de 1990 e 1920. Nesse período, a grande potência na modalidade foi a Grã-Bretanha, que obteve duas medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze.



Bispo faminto

Não se sabe muito bem quem a inventou, mas sabe-se que a pizza é um alimento muito antigo. A primeira menção conhecida à palavra pizza é de um documento encontrado na cidade de Gaeta, no Sul da Itália. O texto, datado do ano 997, diz que o dono de uma propriedade deveria entregar ao bispo da cidade 12 pizzas no dia do Natal e mais 12 no Domingo de Páscoa.

Pastores caninos

Os cães começaram a ser usados como auxiliares dos criadores de gado (ovelhas, principalmente) no período Neolítico, 10 mil anos antes de Cristo. Os bichinhos foram treinados para conduzir os rebanhos e também para guarda-los, afastando possíveis predadores. Ao longo dos séculos os criadores foram selecionando os animais que melhor desempenhavam essas tarefas em suas regiões, levando em conta as características da criação e do terreno em sua área. Assim, foram surgindo linhagens diferentes de cães pastores. Hoje, há mais de 80 raças originalmente concebidas como cães pastores. Existem, inclusive, raças genuinamente brasileiras, como o Ovelheiro Gaúcho e o Pastor da Mantiqueira.

Há 50 anos...

... a França realizava seu primeiro teste com bombas nucleares. Foi no Atol de Moruroa, na Polinésia Francesa, em 2 de julho de 1966.





Está estressado?

Então dê uma olhada nessa paisagem e imagine-se com uma vara na mão, à espera de um belo peixe... Quem passou pelo local, na divisa entre o Paraná e São Paulo, foi o leitor Amadeus.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br

A sua minilua

Por esta você não esperava!

Cientistas usando um telescópio no Havaí descobriram, em abril deste ano, um objeto que aprecia estar acompanhando a órbita da Terra. Ao estudarem com mais cuidado, descobriram que se trata de uma espécie de minilua. Pequena (tem um diâmetro estimado entre 40 e 100 metros) e distante (o mais perto que ela pode chegar da Terra é 14 milhões de quilômetros, 38 vezes a distância entre nosso planeta e a Lua), ele parece ser um asteroide que foi capturado pela gravidade da Terra em sua caminhada pelo espaço.

A minilua – que a Nasa chamou de quase-satélite quando fez um anúncio da descoberta, no dia 16 de junho – não é visível a olho nu. Os cientistas acreditam que ela não será uma companhia permanente: em algumas centenas de anos, ela vai se “desprender” da Terra e continuar seu caminho solitário pelo espaço.

O perigo do salto

Quem ouve ortopedistas falando sobre os riscos de usar salto alto pode pensar que é uma preocupação contemporânea, ligada à onda moderna de busca por hábitos mais saudáveis. Engano. A primeira legislação conhecida sobre a altura dos sapatos é uma lei de Veneza, datada de 1430. Na época, os chopines – uma espécie de salto plataforma – eram um símbolo de status: quando mais alto, mais rica era sua dona. Alguns passavam de 70 centímetros, e a lei que limitou a altura em 7,5 centímetros foi ignorada. Em Londres, em 1770, o Parlamento aprovou uma regra que estabelecia para o uso de saltos altos as mesmas penas aplicáveis à feitiçaria.



Que perigo!

O gaiato pergunta:

- Você sabe a diferença entre um penico e uma panela?
- Não — responde o outro, meio desconfiado.
- Então me lembre de nunca ir almoçar na sua casa...

De Graça

Um rapaz encontrou-se com sua mãe e entregou-lhe um papel. Depois de limpar as mãos ao avental, a mãe leu:

- Por cortar a grama **R\$ 10**
- Por limpar o quarto esta semana **R\$ 5**
- Por fazer compras no mercado **R\$ 5**
- Por tomar conta do meu irmão **R\$ 1**
- Por levar o lixo lá fora **R\$ 1**
- Por trazer boas notas **R\$ 20**
- Por limpar e varrer o quintal **R\$ 10**

Total: R\$ 52

A mãe ergueu o olhar e ele ficou ali, à espera. Ela pegou no papel, virou e escreveu:

Nove meses em que te transportei quando estavas dentro de mim: de graça.

O tempo em que estive sentada a teu lado quando ficou doente: de graça.

Todas as lágrimas que me fizeste chorar ao longo dos anos: de graça.

Todas as noites povoadas de medo e preocupações que me esperavam: de graça.

Por brincqedos, comida, roupa, e até por asoar teu nariz: de graça, meu filho.

E depois de somar tudo, o amor verdadeiro é... de graça.

Quando o filho leu o que a mãe escreveu, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Olhou de frente para ela e disse: "Mãe, te amo muito".

Depois pegou na caneta e escreveu com letras grandes: **PAGO.**



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br